

Artigo Original

Gênero nas práticas corporais de aventura em aulas fundamentadas na pedagogia histórico-crítica

Gender in adventure body practices physical in education lessons based on historical-critical pedagogy

Fernanda Gabriela de Rezende Casagrande  Mateus Camargo Pereira 

Instituto Federal do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS), Muzambinho, Brasil.

HISTÓRICO DO ARTIGO

Recebido: 06.03.2025
Revisado: 31.07.2025
Aprovado: 01.08.2025

PALAVRAS-CHAVE:

Práticas Corporais de Aventura;
Gênero;
Pedagogia Histórico Crítica.

KEYWORDS:

Adventure Body Practices;
Gender;
Historical-Critical Pedagogy.

PUBLICADO:

15.08.2025

AUTOR CORRESPONDENTE:

Fernanda G. R. Casagrande
fer.gab.rez.cas@gmail.com

COMO CITAR ESTE ARTIGO (HOW TO CITE):

CASAGRANDE, F. G. R.;
PEREIRA, M. C. Gênero
nas práticas corporais
de aventura em aulas
fundamentadas na pedagogia
histórico-crítica. **Caderno de
Educação Física e Esporte**,
v. 23, e35054, 2025. DOI:
[10.36453/cefe.2025.35054](http://doi.org/10.36453/cefe.2025.35054).

RESUMO

INTRODUÇÃO: As desigualdades de gênero estão presentes em diversos contextos, e a abordagem crítica de temáticas como as Práticas Corporais de Aventura (PCA) nas aulas de Educação Física possibilita ampliar debates quanto as questões socioculturais.

OBJETIVO: O objetivo do presente estudo é de apresentar uma possibilidade da realização dos debates de gênero nas aulas de Educação Física, com a temática PCA, embasadas na Pedagogia Histórico-Crítica (PHC).

MÉTODOS: O presente estudo é de caráter qualitativo, sendo uma pesquisa intervenção em que para construção de dados foram utilizados o diário de campo e o grupo focal. O estudo foi realizado com uma turma da terceira série do Ensino Médio regular, em seis aulas duplas, com 26 estudantes.

RESULTADOS: Com o trabalho percebemos a potencialidade de debater questões de gênero nas aulas de Educação Física fundamentadas na PHC. Sendo que foi possível aprofundar em problemáticas como: as mulheres acabarem sendo sobrecarregadas pelo trabalho de cuidado realizado além da sua jornada de trabalho fora de casa; e o fato de muitas das práticas serem tidas como inapropriadas para elas.

CONCLUSÃO: Percebemos a ampliação do obscurantismo nas instituições escolares que buscam formas de cercear o trabalho docente. Nesta realidade, precisamos lutar coletivamente em busca de uma escola mais inclusiva para uma sociedade mais justa.

ABSTRACT

BACKGROUND: Gender inequalities are present in different contexts, and the critical approach to topics such as Adventure Body Practices (in Portuguese, "PCA") in Physical Education classes makes it possible to broaden debates on sociocultural issues.

OBJECTIVE: The objective of this study is to present possibilities for gender debates in Physical Education classes with the "PCA" theme based on Historical-Critical Pedagogy (abbreviated "PHC" in Portuguese).

METHODS: The study was carried out with a third-grade class from regular high school, in six double lessons, with 26 students. Through the work, we realized the potential of debating gender issues in Physical Education classes based on "PHC".

RESULTS: However, there is an increase in neoliberalism and, consequently, obscurantism in educational institutions that seek ways to restrict teaching work.

CONCLUSION: In this reality, we need to fight collectively in search of a more inclusive school for a more just society.

▼ INTRODUÇÃO

O presente estudo é um recorte da dissertação de mestrado realizada no Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF) do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais - Campus Muzambinho, que, em aulas fundamentadas na Pedagogia Histórico-Crítica (PHC), buscou compreender os limites e possibilidades da perspectiva pedagógica, em um contexto de avanço do neoliberalismo.

A PHC tem como fundamento teórico a perspectiva marxista, sendo o materialismo histórico-dialético a base para a sua constituição (Saviani, 2003). Ela busca, por meio do ensino, promover a consciência de classe aos trabalhadores(as) para a superação das desigualdades presentes na sociedade capitalista. Fundamentado em algumas perspectivas da PHC, na Educação Física escolar, temos o Currículo Crítico-Superador (CCS), em que a cultura corporal é entendida a partir de um olhar para a expressão corporal como linguagem, considerando que a humanidade se apropria de toda cultura com intencionalidade (Soares *et al.*, 2012).

A PHC começa a assumir forma em 1979, mas Dermeval Saviani, principal nome desta pedagogia, enunciou a necessidade de um processo contínuo de construção coletiva. Por isso, existem hoje, no contexto nacional, diversos grupos que pensam e avançam nessa perspectiva, como por exemplo o Grupo de Estudos Marxistas em Educação (UNESP - Araraquara), o Grupo de Pedagogia histórico-crítica e educação escolar da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), o Grupo Nacional de Estudos e Pesquisas "História, Sociedade e Educação no Brasil" (HISTEDBR), o Grupo de Estudos Pedagogia Histórico-Crítica da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ - ProDed - Programa Desenvolvimento e Educação Theotônio dos Santos) e a Rede de Linha de Estudo e Pesquisa em Educação Física Esporte e Lazer (LEPEL).

Nesta construção coletiva o debate da interseccionalidade com outros marcadores socioculturais, como o gênero também avança. Segundo Barboza, Paiva e Souza Júnior (2022) o gênero no CCS se dá no movimento histórico e dialético, pois só é possível realizar análises sociais, econômicas e culturais sobre a realidade com uma visão de conjunto. Então, a discussão sobre gênero está na intencionalidade pedagógica, mas mesmo que o método da prática social já aponta para caminhos frente aos desafios sociais, é necessária uma escrita mais sólida sobre o tema.

Por isso, além de olhar para as desigualdades socioeconômicas, que são fortemente abordadas e debatidas nos textos que tratam da PHC, trazemos à tona o debate de gênero. Segundo Scott (2019), o termo gênero surgiu em um primeiro momento entre as feministas americanas para abordar as distinções sociais baseadas no sexo, para mais, a autora considera o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos e como uma forma de significar as relações de poder.

Sendo assim, tanto a escola como as aulas de Educação Física podem acabar reforçando tais relações, se as questões de gênero não forem abordadas criticamente.

Dornelles (2012) ressalta que muitas vezes o masculino é tratado pelo(pela) docente como representação do ideal de aluno(a), e em muitos espaços essa crença é utilizada para promover uma separação nas aulas de Educação Física, deixando os meninos nas quadras enquanto as meninas ocupam espaços secundarizados.

As desigualdades de gênero são reproduzidas nas diversas temáticas da cultura corporal, o que também é perceptível quando tratamos das Práticas Corporais de Aventura (PCA). As PCA são um fenômeno social, produzido e modificado historicamente, constituindo uma temática potencialmente rica a ser desenvolvida na escola em todas as etapas da educação básica, visto que se trata de um conhecimento clássico pertencente ao gênero humano que muitas vezes vem sendo apropriado e usufruído por uma pequena parte da população (Paixão, 2017). Ao problematizar e promover o acesso as diversas práticas corporais presentes na sociedade, Cauper (2018) acredita que o ensino de conteúdos de forma crítica, tais como as PCA, nas escolas públicas possibilita romper com sua lógica excludente e desigual.

Neste sentido, percebemos como potencial o trato das PCA embasadas na PHC para além dos debates socioeconômicos, abordando também as questões de gênero. Diante do exposto, o objetivo do presente estudo é apresentar uma possibilidade da realização dos debates de gênero nas aulas de Educação Física, com a temática PCA, embasadas na PHC.

▼ MÉTODOS

A presente pesquisa assume caráter qualitativo (Minayo; Sanches, 1993), e como referencial metodológico adotamos a pesquisa intervenção, que coloca em análise os efeitos das atividades no cotidiano institucional, desconstruindo territórios e proporcionando a criação de novas práticas (Rocha; Aguiar, 2003).

O estudo foi realizado em uma escola estadual localizada no centro da cidade de Poços de Caldas/MG, com uma turma da terceira série do Ensino Médio regular (16 a 19 anos), em seis aulas duplas (geminadas), com 26 estudantes (16 meninas e 10 meninos), tratando a temática PCA na natureza fundamentadas na PHC.

Para a constituição de dados foi utilizado o diário de campo (Vasconcellos; Francisco, 2015) e o grupo de foco (Flick, 2004). Após a aprovação no Conselho Nacional de Saúde (CNS), sob o Parecer nº 5815590 (CAAE: 64509122.0.0000.8158), na Plataforma Brasil, no segundo bimestre do ano de 2023, foi realizada uma sequência didática que problematizou a realidade do acesso as PCA na cidade de Poços de Caldas (MG), e dentre as questões específicas, abordou a questão do acesso das mulheres às PCA.

Após a proposta didática, realizamos um grupo de foco, em que foram selecionados oito estudantes (seis meninas e dois meninos), de acordo com a participação e o envolvimento nas aulas. Dentre as temáticas abordadas no grupo temos: Mercantilização e possibilidades de acesso às PCA em Poços de Caldas e Gênero e acesso às PCA. Para respeitar as medidas éticas, na descrição das falas dos(das) estudantes, os nomes dos(das) alunos(as) foram

substituídos pela letra A (aluno(a)), acompanhada de H ou M (homem ou mulher) e de um número, esse número é a identificação específica do(da) estudante.

As informações foram descritas e passaram pelo processo de organização e leitura dos documentos, codificação dos materiais e categorização, com base no que é apresentado por Bogdan e Biklen (1994).

▼ RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para compreender a prática social, iniciamos as duas primeiras aulas com alguns questionamentos que buscavam analisar os conhecimentos dos(das) alunos(as) quanto às PCA e a sua presença na realidade em que estes(as) estão inseridos. A partir de algumas problematizações, debatemos os aspectos que influenciam diretamente no acesso às PCA, como as demandas do trabalho, a falta de tempo, o seu alto custo, a dificuldade de acesso devido à localização, a forma de divulgação, a mercantilização, a idade, as questões de gênero e a condição financeira dos(as) praticantes.

A prática social é um espelhamento da realidade social em que o(a) estudante está inserido, sendo este o ponto de partida, comum para o(a) professor(a) e aluno(a), e a partir do qual se busca proporcionar a compreensão científica sobre as temáticas e conteúdos (Galvão; Lavoura; Martins, 2019).

Diante disso, iniciou-se a percepção de que a realidade socioeconômica é um dos aspectos relevantes para experimentar essas práticas na cidade, pois embora os(as) estudantes ainda sejam adolescentes, eles já precisam conciliar trabalho, estudos e momentos de lazer, sendo o lazer tido como algo dispensável e supérfluo na sociedade capitalista. Outro aspecto abordado foi o acesso das mulheres a estas práticas, pois além das dificuldades vividas pela população mais pobre, existe um trabalho de cuidado realizado pela mulher que as sobrecarrega, e consequentemente as afasta das diversas possibilidades de lazer. Durante as problematizações e questionamentos realizados, os estudantes participavam ativamente trazendo suas percepções e conhecimentos.

Como parte da instrumentalização, foi apresentado o contexto de surgimento da cidade e como o turismo e o turismo ambiental se desenvolveram naquele ambiente. Além disso, foram trazidas algumas imagens que remetiam às PCA, e os(as) estudantes foram questionados quanto as possibilidades daquelas práticas na cidade. Ficou evidenciada a mercantilização das PCA nesse contexto. Seguidamente, foi abordado o que são as PCA, sua divisão em práticas de aventura urbanas e na natureza.

A instrumentalização é o processo em que há a apropriação dos instrumentos teóricos e práticos necessários para analisar os problemas detectados (Galvão; Lavoura; Martins, 2019). Ocorre aqui a apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais para a luta social, para que haja a libertação da situação de exploração em que vivem (Gasparin, 2002).

Na aula seguinte, tematizamos a corrida de orientação. A princípio, abordamos a história das corridas de orientação, seu surgimento no Brasil e no mundo, suas modalidades, as regras oficiais, seu funcionamento, além de instruções a

respeito da utilização do mapa e da bússola. No momento posterior, foi realizada a vivência da corrida de orientação nos espaços disponíveis na escola (quadra, pátio, salas, corredores e jardim), e os(as) alunos(as) se interessaram por cada informação compartilhada.

Após a vivência, foram realizadas algumas problematizações, como a ausência dessa prática na escola, sua inacessibilidade para todas as pessoas, a maior dificuldade das mulheres por conta de questões socioculturais, além do pouco espaço que tais práticas possuem nos meios de comunicação de massa, por não gerarem lucros como os esportes mais difundidos. Então, debatemos quanto a possibilidades de locais em que se pudessem realizar as PCA de forma gratuita em Poços de Caldas (MG).

A problematização detecta os pontos que precisam ser resolvidos e quais conhecimentos devem ser dominados pelos(as) estudantes. Acontece aqui a criação de uma necessidade para que se busque o conhecimento, criando situações-problema que estimulem o raciocínio para buscar uma aprendizagem significativa, colocando a prática social em questão para que seja analisada e interrogada (Gasparin, 2002).

Como parte da avaliação da compreensão dos(das) estudantes, e promovendo um trabalho pedagógico que valoriza e intervém na prática social, foi solicitado para que os(as) estudantes realizassem, em duplas ou trios (de livre escolha), uma postagem no *padlet*¹, de locais próximos a sua residência em que se fosse possível realizar a corrida de orientação.

O *slackline* foi abordado na aula posterior, e, para iniciar a aula, foi tratado a história do *slackline*, seu surgimento, o funcionamento dos equipamentos, o espaço necessário para a sua realização, as modalidades, competições, e algumas orientações de como atravessar a fita e algumas manobras básicas para iniciantes. Após a abordagem, um pouco mais conceitual, iniciamos um pega-pega na linha, que aconteceu na quadra poliesportiva, em que os(as) estudantes precisaram se movimentar como se estivessem em cima do *slackline*. Depois disso, de forma conjunta, realizamos a montagem da fita e todos realizaram a travessia, sendo que alguns(as) dos(das) estudantes conseguiram avançar e realizá-la sozinhos, embora a maioria tenha realizado a travessia com auxílio.

Como problematização tratamos da percepção a respeito dos espaços públicos existentes na cidade nos quais as pessoas montam a fita de *slackline*, havendo a necessidade de compreender o município como um espaço privilegiado, em razão de ter parques e praças potencialmente propícias para diversas práticas corporais, embora ainda haja o afastamento das mulheres nestes ambientes. O debate se estendeu para questões que influem no acesso como as PCA na mídia. Por fim, ao debater sobre as possibilidades de ampliação da prática, foi solicitado para que os(as) estudantes postassem no *padlet* locais próximos a suas residências em que se é possível praticar o *slackline*. As postagens têm como objetivo realizar um mapeamento de possibilidades gratuitas para a realização das PCA em Poços de Caldas.

¹ Padlet é uma plataforma online em que é possível criar murais interativos e colaborativos.

Na aula seguinte, a temática abordada foi o *trekking*. A princípio, tratamos da história das caminhadas em trilhas, tipos de terrenos em Poços de Caldas, espécies únicas na cidade, e questões que envolvem a preservação ambiental em detrimento da busca do lucro a qualquer custo, que polui, contamina, desmata e esgota recursos. Por fim, ressaltamos as precauções necessárias durante a realização das trilhas. A trilha realizada é considerada fácil, ela possui cerca de 700 metros de subida, começando por um trecho de Mata Atlântica e depois um percurso feito a céu aberto, por entre rochas.

Embora os(as) estudantes tenham se divertido durante a realização da trilha, ao finalizar a atividade realizamos um debate quanto à realidade da degradação ambiental no local. Por fim, novamente foi solicitado que abastecessem o padlet com os locais em que se poderia realizar o *trekking* em Poços de Caldas.

Em busca do processo catártico, na aula subsequente, abordamos dados atuais da realidade em que os(as) estudantes estão inseridos. E, com o auxílio de um data show, trouxemos diversos materiais que abordavam a realidade do acesso às PCA na cidade. Para que os(as) estudantes apresentassem suas compreensões, foi decidido organizá-los em três grupos. Cada grupo debateu brevemente sobre uma temática, e posteriormente, apresentaram suas conclusões para o restante da turma, com os demais grupos contribuindo para a ampliação do debate.

Nessa dinâmica, o grupo “Mídias” ressaltou que a divulgação dessas práticas é pequena, e, por conta disso, muitas pessoas não sabem da sua existência. Além disso, a maior diversidade de práticas fica restrita a espaços privados, e, com a concessão dos espaços públicos, a população mais pobre tem ainda maior dificuldade de acesso a elas.

O grupo que debateu a questão do meio ambiente e da realidade socioambiental apresentou a inquietação resultante do fato das legislações ambientais não serem aplicadas em relação àqueles que têm dinheiro, além de abordarem a necessidade de se educar e orientar a população para que haja preservação desses espaços na cidade.

O grupo que abordou a questão do acesso, pautou inicialmente que são as pessoas com mais dinheiro, pertencentes a estratos mais privilegiados da sociedade, que usufruem dos espaços e ambientes citados e, em espaços em que a prática é gratuita, o acesso fica dificultado por conta da falta de tempo. Por fim, os(as) alunos(as) comentaram a respeito da desigualdade de gênero presente no acesso às PCA, pois as mulheres acabam sendo sobrecarregadas por um trabalho de cuidado realizado além da sua jornada de trabalho fora de casa, além do fato de muitas das práticas serem tidas como inapropriadas para elas.

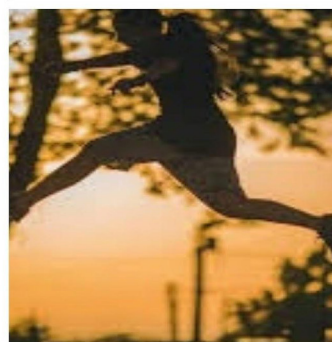
É importante perceber que, embora valorizemos a importância e a necessidade dos momentos propostos por Saviani (2008), não os seguimos de forma rígida, pois mesmo com a promoção do conhecimento sistematizado por meio da instrumentalização, as problematizações estão presentes a todo momento, e a catarse pode surgir dependendo da mudança de compreensão dos(das) alunos(as), e tudo isso sendo permeado pela prática social.

Na última aula, com o objetivo de buscar a promoção de mudanças e interferências na prática social, foi proposta a confecção de uma revista digital. Iniciamos a aula com questionamentos quanto a quais temáticas foram abordadas nos debates anteriores, e elas foram retomadas de forma sucinta. O tema da revista foi “Acesso às PCA em Poços de Caldas”. Para a confecção das reportagens, os(as) estudantes mantiveram as duplas ou trios definidos para as publicações no padlet, e cada grupo confeccionou uma reportagem quanto à temática proposta. Nesse momento auxiliamos na definição das temáticas e nas dificuldades tecnológicas que foram surgindo.

Dentre os debates presentes a revista digital, foi possível perceber a abordagem quanto às questões de gênero como podemos perceber na Figura 1.

Junho 13

PARKOUR



As mulheres sofrem com essa desigualdade em vários espaços da sociedade.

Parkour é um esporte que usa bastante as habilidades de força, mas também é preciso técnica. Frases que apresentam “homens são mais fortes que mulheres” não é a realidade atual, temos que desconstruir o machismo que está impregnado na sociedade.

Infelizmente, no Brasil, apesar de um número crescente de mulheres praticantes de Parkour, a maioria ainda é masculina. Isso é uma pena, pois acreditamos que o movimento feminino tem muito a contribuir com o desenvolvimento do esporte. Uma possível causa é a nossa cultura (meninos jogam futebol, meninas brincam de bonecas) que traz algumas barreiras para as mulheres.



09

Figura 1. Revista Digital – Reportagem: Parkour.
Fonte: Arquivo pessoal dos autores (2024).

Na reportagem é possível perceber a tradução dos debates realizados nas aulas pelo grupo, que aborda a inibição e a dificuldade do acesso das mulheres na realização do parkour por estas práticas serem tidas como inadequadas para este grupo. Sendo assim, compreendemos como a limitação do acesso às PCA, que acontece a partir das diversas formas de exclusões criadas culturalmente, restringem as vivências das mulheres desde a infância.

Além das reportagens, a revista conta também com o levantamento realizado pelos(as) estudantes de possíveis locais gratuitos para realizar as PCA em Poços de Caldas (com a especificidades das práticas abordadas no processo pedagógico, como a corrida de orientação, *slackline* e *trekking*), e, durante a construção da revista, foi explicado que embora eles estivessem denunciando as dificuldades de acesso, às possibilidades trazidas por eles(as), estariam presentes e também seriam abordadas para a ampliação do acesso para toda a população.

Para um melhor entendimento das compreensões dos(das) estudantes, o grupo de foco buscou retomar os

debates abordados nas aulas, dentre eles traremos aqui as questões de gênero que foram tratadas pelo grupo.

A partir dos debates e explicações presentes no grupo de foco, compreendemos que, para os(as) estudantes, os aspectos que influenciam no acesso das mulheres as PCA estão ligadas tanto à questão do trabalho de cuidado realizado pela mulher, quanto ao fato de as mulheres que praticam tais atividades não serem bem-vistas socialmente, além das diferentes oportunidades de vivências para homens e mulheres durante toda a vida.

Segundo Garcia (2009), existe um grande déficit na prática de atividades físicas entre mulheres de baixa renda. Um aspecto que exerce grande influência nesta realidade é a dupla jornada de trabalho, em que, além do trabalho em serviços externos, as mulheres ainda cumprem um trabalho de cuidado em seu âmbito doméstico, o que gera uma dificuldade ainda maior de acesso ao lazer, o que inclui o acesso às PCA.

Durante os debates, notamos algumas falas dos(das) alunos(as) quanto à essas desigualdades, e selecionamos as que mais nos chamaram a atenção:

A-H3: "A mulher acaba pensando em ter que arrumar a casa, pra não ficar bagunçada, porque sabe que se for deixar pro homem, a maioria dos homens não fazem nada, só deixam lá pra ela..." (GRUPO DE FOCO, 2023).

A-M8: "Eu acho que isso já vem de uma maneira estrutural também, tipo, dessa questão da jornada dupla, desde criança eu lembro meus brinquedos era [sic] panela, fogãozinho, vassoura, pазinha, cuidar de boneca, de barbie" (GRUPO DE FOCO, 2023).

Percebemos que, desde pequenas, as mulheres são incentivadas a cuidarem dos serviços domésticos, enquanto os homens, por outro lado, são incentivados a diversas vivências corporais. Isso tem uma grande influência na formação das corporeidades do ser homem e ser mulher, e acarreta consequências para a construção e reprodução de preconceitos de gênero.

Então, existem diferenças de oportunidades desde a infância para o acesso às práticas corporais para as meninas, sendo não só um processo de ausência de incentivo, mas também de limitação e exclusão, e as PCA, por trazerem riscos mesmo que controlados, seriam consideradas, nessa perspectiva, práticas não adequadas para elas.

Tal realidade é percebida na abordagem do(da) estudante A-H3:

Às práticas já vêm muito de criação mesmo. Tipo, o menino quer sair pra ir na trilha, por exemplo, o pai e a mãe incentiva, agora a menina, vão começar a falar que pode machucar e tal, aí eles acabam não deixando. Aí ela acaba crescendo e não se interage com isso... (GRUPO DE FOCO, 2023).

Segundo Uchoga e Altmann (2016), fatores como confiança e o arriscar-se mediam como meninos e meninas se envolvem durante as aulas de Educação Física, e consequentemente nas práticas corporais presentes na sociedade. Assim, é constatado na análise que o gênero masculino conta com uma visão positiva quanto a questão da confiança e do arriscar-se, enquanto as meninas até permanecem nas aulas, porém não se envolvem de

maneira efetiva, com papéis secundários. Isso faz com que meninos e meninas desenvolvam habilidades distintas, a partir das quais constroem predeterminantes de gênero que consideram as meninas como menos hábeis.

Corroboramos com o apresentado pelas autoras, e com as falas dos(das) estudantes, percebemos que a influência no envolvimento com as práticas tem relação com as oportunidades que meninos e meninas são expostos(as) desde crianças. Sendo as vivências uma construção cultural, e por conta de preconceitos advindos desde a infância, muitas mulheres internalizam essa cultura, e consequentemente, acabam não se interessando por determinadas práticas estereotipadas.

Além da inibição causada pelo desincentivo para realização das PCA, percebemos que as mulheres que praticam, em geral, são malvistas socialmente e a inibição pode acontecer de diversas formas. Percebemos na fala a seguir da aluna A-M2, em que é pontuado que normalmente são mulheres mais jovens que praticam as PCA, pois mulheres casadas muitas vezes são inibidas por seus maridos, como se fossem uma "propriedade" desses homens.

Vejamos isso na abordagem a seguir:

Eu vejo mais mulheres jovens praticando assim... Mas sempre mulheres mais jovens, porque tem muito casal assim, homem conservador, fala: [mudando de voz para masculina] Ah esporte é pra homem, você não pode praticar porque você vai ficar limpando a casa. Então, tem muitas mulheres que são oprimidas por isso, infelizmente porque não é fácil, tem relacionamento abusivo (GRUPO DE FOCO, 2023).

Para mais, Schwartz *et al.* (2013), perceberam que existem diferentes tipos de preconceitos envolvidos na presença das mulheres nas PCA, muitos dos quais são reproduzidos de forma velada. Isso pode acontecer pelo ciúme por parte de seus parceiros de estas mulheres estarem em contato com outros homens, bem como por visões estereotipadas da própria sociedade, ao considerar as PCA estritamente masculina, ou ainda pela desvalorização de capacidades e habilidades das mulheres.

Silva e Mourão (2017) apresentam que, na maioria dos discursos midiáticos sobre as PCA, os corpos das mulheres são performativos, o que ajuda a preservar a hierarquia de gênero construída socialmente, em que as praticantes são representadas pela mídia como musas, e não de acordo com seu desempenho e suas conquistas na prática. Sendo assim, percebemos que o acesso às PCA está diretamente ligado às desigualdades de gênero. Tais debates precisam ser trazidos nas aulas de Educação Física, com o objetivo de desmistificar esses preconceitos e, com isso, proporcionar um maior entendimento e acesso às práticas corporais e às PCA.

Sendo assim, discutindo sobre a ampliação do acesso às PCA também para as mulheres, no grupo de foco os(as) estudantes foram questionados quanto às possibilidades a esse respeito:

A-H3: "Eu acho que, tipo, agora, pra mudar isso, vai ter que ser muito mais, tipo, da nossa geração, que tá todo mundo conversando, do que tentar mudar a cabeça de um adulto, isso é muito mais complicado." (GRUPO DE FOCO, 2023).

A-M6: “É tipo, é... Como que fala, encorajar, as mulheres a fazer isso, tipo, independente se tem homens ou não, se nenhuma mulher for, vai ter só homem mesmo, tem que começar a ir mesmo, senão...” (GRUPO DE FOCO, 2023).

Percebemos que é proposto o trato com as novas gerações como ponto chave para iniciar a superação das desigualdades de gênero. Concordamos com tal perspectiva, mas acreditamos que isso só será possível se tivermos adultos comprometidos. Além disso, o encorajamento às mulheres, como proposto pela aluna, é uma possibilidade, desde que os preconceitos de gênero criados socialmente sejam debatidos de forma crítica. Por conta disso, é necessário oportunizar uma análise problematizadora destas questões durante as aulas de Educação Física, a fim de que as possibilidades de lazer para as mulheres sejam reconhecidas e ampliadas.

Sabemos que as realidades escolares são distintas, contudo, as relações de gênero estarão presentes nas aulas de Educação Física no trato com qualquer temática, e elas precisam ser debatidas e ampliadas. Na especificidade em que estamos inseridos, os(as) estudantes se tornaram sujeitos ativos no processo, alcançando na disciplina de Educação Física um espaço adequado para debater amplamente questões socioculturais, o que somente é possível em abordagens comprometidas com este objetivo.

Acreditamos que, para a diminuição das desigualdades presentes na sociedade, a luta coletiva é extremamente importante, pois somente a partir de grupos que buscam seus interesses poderemos alcançar a mudança da realidade social. Os detentores de poder não mudarão se não houver seu enfrentamento, justamente porque se beneficiam das desigualdades sociais.

Embora o trabalho tenha sido uma possibilidade, sabemos que com o avanço do neoliberalismo as pedagogias são utilizadas como forma de resolver problemas de natureza técnica, deixando de lado questões socioculturais que integram a prática educativa (Maldonado, 2020). Reconhecemos, de acordo com Duarte (2021), a existência de um obscurantismo, que faz com que toda tentativa de desenvolver um pensamento crítico seja atacada, e, quando se problematizam as realidades de gênero, étnico raciais, socioeconômicas, entre outras, os(as) professores(as) são acusados(as) de “esquerdismo”, visto que qualquer crítica às desigualdades contemporânea é tida como um tabu, que não deve ser debatido; entretanto, em nossas aulas, foi possível construir um processo pedagógico crítico que foi bem recebido pela comunidade escolar.

▼ CONCLUSÃO

Com o estudo podemos perceber que a abordagem do gênero em aulas embasadas na PHC é uma possibilidade. Isto é perceptível em outros estudos com embasamento na PHC, como por exemplo, em Alves (2018), que apresenta em sua dissertação as questões de gênero em relação ao futebol; em Cauper (2018), que debate as questões gênero de ao abordar o se arriscar dos(das) alunos(as) nos esportes de orientação; e em Oliveira (2015), Viana (2020) e Costa (2020), que também mencionam que as questões de gênero estão presentes em suas aulas.

Sendo assim, percebemos a potencialidade da ampliação dos debates nas aulas de Educação Física fundamentadas na PHC para as diversas questões socioculturais. Entretanto, para que tal abordagem tenha êxito, o caminho não é simples, pois é necessária a apropriação das bases teóricas da PHC, domínio dos conhecimentos específicos da área e uma formação inicial e/ou continuada que possibilite a formação docente crítica.

Contrariando isso, os alvos do obscurantismo são ampliados dentro e fora da escola, e tentativas de desenvolvimento de pensamento crítico pode ser visto como um problema (Duarte, 2021). Nesta realidade, existem debates, como os de gênero, que estão sendo tratados como não adequados para os contextos escolares por grupos conservadores, o que gera receio de alguns docentes em trabalhar tais abordagens em suas aulas.

Contrariando a isso, nós docentes precisamos nos organizar coletivamente e construir resistência e luta, em busca de uma escola que valorize a diversidade e que não tenha receio de abordar questões socioculturais dentro e fora de sala de aula, buscando, de forma crítica, o auxílio a constituição de uma sociedade mais justa. Neste sentido, perspectivas como a PHC podem contribuir neste processo.

► AGRADECIMENTOS

Nada a declarar.

► CONFLITO DE INTERESSE

Os autores do estudo declaram não haver conflito de interesses.

► FINANCIAMENTO

Este estudo teve apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

■ REFERÊNCIAS

- ALVES, N. M. M. **A organização do trabalho pedagógico da educação física e a pedagogia histórico-crítica: limites e possibilidades**. 2018. 403f. Dissertação (Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/cd3169cc-fbaa-4058-ac64-53d3e61ca57d>
- BARBOZA, R. G.; PAIVA, A. C.; SOUZA JÚNIOR, M. **Gênero e Educação Física Escolar: prática social e emancipação humana**. In: MALDONADO, D. T.; SILVA, M. E. H.; MARTINS, R. M. (Org.). **Educação física escolar e justiça social: experiências curriculares na educação básica**. Curitiba: CRV, 2022.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto, 1994.
- CAUPER, D. C. **O ensino do esporte orientação na escola: possibilidades e limites de uma proposta à luz da metodologia crítico-superadora**. 2018. 388f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/095c61a4-b15a-4080-bd55-6f8fe87de6eb>
- COSTA, J. H. A. **Festival de cultura corporal: uma proposta de intervenção pedagógica para os jogos internos da escola**. 2020. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38751>

- DORNELLES, P. G. Do corpo que distingue meninos e meninas na educação física escolar. *Cadernos Cedes*, v. 32, n. 87, p. 187-98, 2012. <https://doi.org/10.1590/S0101-32622012000200005>
- DUARTE, N. *Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.
- FLICK, U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2004.
- GALVÃO, A. C.; LAVOURA, T. N.; MARTINS, L. M. *Fundamentos da didática histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados, 2019.
- GARCIA, A. B. Trabalho feminino em dose dupla: onde está o lazer? *Motrivivência*, n. 32-33, p. 375-88, 2009. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2009n32-33p375>
- GASPARIN, J. L. *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. Campinas: Autores Associados, 2002.
- MALDONADO, D. T. *Professores e professoras de educação física progressistas do mundo, uni-vos*. Curitiba: CRV, 2020.
- MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, v. 9, n. 3, p. 237-48, 1993. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v9n3/02.pdf
- OLIVEIRA, A. J. *Educação física e pedagogia histórico-crítica: olhares sobre a prática docente em uma escola pública de Juiz de Fora*. 2015. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: https://www.lareferencia.info/vufind/Record/BR_13e5fc62adef01b782f2b99163fcca42
- PAIXÃO, J. A. O esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. *Motrivivência*, v. 29, n. 50, p. 170-82, 2017. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2017v29n50p170>
- ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 23, n. 4, p. 64-73, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400010>
- SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas: Autores Associados, 2003.
- SCHWARTZ G. M.; FIGUEIREDO J. P.; PEREIRA L. M.; CHRISTOFOLETTI D. A.; DIAS V. K. Preconceito e esportes de aventura: A (não) presença feminina. *Motricidade*, p. 56-67, 2013. Disponível em: <https://scielo.pt/scielo.php?pid=S1646-107X2013000100007&script=sci-arttext>
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- SILVA, F. D.; MOURÃO, L. N. Representações de gênero na mídia sobre a corrida de aventura. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero. *Anais...* Florianópolis: UFSC, 2017. p. 13. Disponível em: https://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499439252_ARQUIVO_07.07.2017-ArtigoMM_FG.pdf
- SOARES, C. L.; TAFFAREL, C. N. Z.; VARJAL, E.; CASTELLANI FILHO, L.; ESCOBAR, M. O.; BRACHT, V. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 2012.
- UCHOGA, L. A. R.; ALTMANN, H. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 38, n. 2, p. 163-70, 2016. <https://doi.org/10.1016/j.rbce.2015.11.006>
- VASCONCELLOS, S. C.; FRANCISCO, A. L. Uso do diário de campo em investigações no ambiente escolar: a construção de uma metodologia. In: IV Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa e VI Simpósio Internacional de Educação e Comunicação. Vol. 2 (Educação). *Anais...* Aracaju: Universidade Tiradentes, 2015, p. 411-3. Disponível em: <https://ludomedia.org/publicacoes/livro-de-atas-ciaiq2015-vol-2-educacao/>
- VIANA, L. S. M. O ensino da ginástica na escola: um relato de experiência com a pedagogia histórico-crítica. *Motrivivência*, v. 32, n. 62, p. 1-16, 2020. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e65327>

✉ E-MAIL DOS AUTORES

Fernanda Gabriela de Rezende Casagrande

✉ fer.gab.rez.cas@gmail.com

Mateus Camargo Pereira

✉ mateus.pereira@ifsuldeminas.edu.br